

Uma abordagem intercultural do ensino de física para estudantes com paralisia cerebral

An intercultural approach to teaching physics for students with cerebral palsy

Thamires Borges Mauriz

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ
Unidade Petrópolis
Thamires.mauriz@aluno.cefet-rj.br

Gabriella de Souza Sabrosa

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ
Unidade Petrópolis
Gabriella.sabrosa@aluno.cefet-rj.br

Soraia Wanderosk Toledo

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ
Unidade Petrópolis
Soraia.toledo@cefet-rj.br

Marcos Correa da Silva

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET/RJ
Unidade Petrópolis
Marcos.silva@cefet-rj.br

Resumo

Na educação, como em todas as outras áreas, inclusão é de extrema importância. Durante muito tempo pessoas com deficiência foram negligenciadas na sociedade, tendenciosamente homogeneizada e de caráter monocultural. Como estagiárias, observamos uma experiência na escola baseada no multiculturalismo, quando percebemos uma educação que procura reconhecer o “outro”, gerando diálogos entre diferentes grupos que dispensam o enquadramento nos padrões hegemônicos. Este texto apresenta as vivências de alunas de licenciatura em física no estágio supervisionado, com base na elaboração e aplicação de um material didático inclusivo para uma estudante com paralisia cerebral (PC), objetivando contribuir para reinventar as práticas pedagógicas e fomentar a cidadania. Este material consiste em um jogo da memória de caráter lúdico, elaborado a partir de entrevistas com a orientadora pedagógica e a mediadora da aluna. Como conclusão, percebemos que uma linguagem outra

para trabalhar os conteúdos curriculares se demonstra fortemente inclusivos por atender os diferentes sujeitos educacionais.

Palavras chave: ensino de física, interculturalidade, paralisia cerebral

Abstract

In education, as in all other areas, inclusion is extremely important. For a long time, people with disabilities, were neglected of society, tendentiously homogenized and monocultural. As interns, we observed an experience at school based on multiculturalism in which it demonstrates an education that recognizes the “other”, generating dialogues between different groups that dispense the framework in hegemonic standards. This text presents the experiences of undergraduate students in physics in the supervised internship, based on the elaboration and application of an inclusive didactic material for a student with cerebral palsy (CP) goaling to contribute to reinvent pedagogical practices and foment citizenship. It consists of a memory game with a playful character that was elaborated from interviews with the pedagogical advisor and the student's mediator. As conclusion, we could notice that a different language, when working with curricular contents, proves to be strongly inclusive to serve different educational subjects.

Key words: teaching physics, interculturality, cerebral palsy

Introdução

Buscamos, no desenvolvimento deste artigo, analisar uma experiência de estágio supervisionado vinculado à disciplina Prática Docente II, modelo proposto pelo curso de Licenciatura em Física do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), Unidade Petrópolis, a partir da perspectiva da interculturalidade. O estágio supervisionado, conforme o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) é um componente obrigatório que, vinculado à disciplina Prática Docente II, possui especificidades e objetivos ligados à construção de uma postura crítica acerca do multiculturalismo como situação de inclusão mútua (interculturalismo) para as pessoas com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação, bem como, dos estudantes atendidos pela Educação de Jovens e Adultos – EJA. Tal proposta se constitui também como uma oportunidade para o estagiário analisar os aspectos não só da sala de aula, como outros que transcendem esse ambiente. Importante ressaltar que o multiculturalismo aqui é entendido a partir da percepção das diferentes identidades que são continuamente elaboradas, com ênfase nas construções identitárias marcadas pelas deficiências.

A educação escolar envolve diferentes esferas, configurando-se, assim, como um espaço complexo. Concordamos com Candau (2013):

Se a cultura escolar é, em geral, construída marcada pela homogeneização e por um caráter monocultural, invisibilizamos as diferenças, tendemos a apagá-las, são todos alunos, são todos iguais. No entanto, a diferença é constitutiva da ação educativa. Está no “chão”, na base dos processos educativos, mas necessita ser identificada, revelada, valorizada. Trata-se de dilatar nossa capacidade de assumi-la e trabalhá-la. (p. 25)

Neste sentido, torna-se necessário que as práticas pedagógicas sejam reinventadas para que sejam oferecidos espaços que possibilitem o diálogo intercultural com vistas à formação de cidadãos aptos a mobilizarem os conhecimentos construídos na escola para sua agência no mundo. Espaços que visibilizem contextos nos quais os estudantes estão inseridos, fazendo emergir realidades, identidades, culturas e saberes no meio escolar.

A partir da proposta de estágio, optamos por focar nossos estudos e trabalhos nas demandas de uma estudante com paralisia cerebral, por perceber um déficit educacional grande naquela turma. Apesar do seu interesse em aprender, não havia qualquer material direcionado a ela e o único método diferenciado adotado para ela pela escola foi o de provas de múltipla escolha. Portanto, a criação de um material didático apropriado era uma questão urgente.

Ao citá-la, iremos adotar o nome fictício “Ana”, com o objetivo de proteger a identidade do sujeito da pesquisa. Ela se encontra em uma turma de 3º ano do ensino médio, inserida em sala de aula regular. Juntamente com a professora orientadora e o professor supervisor, refletimos e estudamos sobre o ensino de Física voltado para pessoas com paralisia cerebral, na perspectiva da educação inclusiva, vista “sob o argumento irrefutável de que todas as crianças com deficiências teriam o direito inalienável de participar de todos os programas e atividades cotidianas que eram acessíveis para as demais crianças” (COZENDEY et al, 2013, p. 324).

Nosso trabalho foi contribuir com estratégias de ensino-aprendizagem, utilizando recursos que ultrapassem as limitações físicas dos estudantes e auxiliem na compreensão do conteúdo. A pergunta norteadora para o desenvolvimento dos trabalhos nessa turma foi: como podemos oferecer um espaço que possibilite o ensino-aprendizagem, não só dessa aluna, mas de toda a turma, considerando todas as diferenças?

Apresentamos, portanto, neste texto, as reflexões resultantes da experiência de estágio supervisionado desenvolvidas a partir de uma visão de educação pautada no diálogo intercultural. Por meio de nossas análises, apresentamos caminhos possíveis para o ensino de física, que possibilitem a inclusão de estudantes com paralisia cerebral. Dessa forma, buscamos contribuir para futuras pesquisas relacionadas ao ensino de Física e a inclusão mútua entre estudantes com deficiências e a comunidade escolar.

Referencial teórico

O referencial teórico foi estruturado com base no multiculturalismo em sua perspectiva intercultural, que busca promover uma educação em que se reconheça o “outro”, onde exista diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais, respeitando os diferentes saberes, entendimentos de mundo, crenças e valores.

Existem diferentes perspectivas no multiculturalismo. As descritivas, assimilacionista e diferencialista e a propositiva, que é o interculturalismo. Sendo este último a abordagem que fundamenta a construção de nosso trabalho no estágio e de nossas análises sobre essa experiência. Vamos apresentar, brevemente, suas conceituações.

Começamos pela abordagem assimilacionista. Nesta, aceita-se que estamos em uma sociedade multicultural, com diferentes contextos culturais, sociais, históricos, políticos; diferentes grupos identitários: indígenas, negros, LGBTQIA+, pessoas com deficiência. Sabe-se que existe uma assimetria de poder em relação aos grupos hegemônicos, principalmente brancos, de classe média ou alta, grupos “considerados ‘normais’ e com elevados níveis de escolarização” (CANDAU, 2013, p. 20). Essas relações de poder assimétricas variam de acordo com os

diferentes contextos históricos, políticos e socioculturais. Quando olhamos para o contexto histórico de formação da América Latina.

A nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do “outro” ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade. Os processos de negação do “outro” também se dão no plano das representações e no imaginário social. (CANDAU, 2013, p. 17)

A história dos países latino-americanos informa uma inclusão colonizadora, como aconteceu no Brasil, um país no qual as desigualdades enunciadas anteriormente se revelam nos variados contextos escolares de suas diferentes regiões.

No multiculturalismo assimilacionista, sob o argumento da igualdade de oportunidades e conquista da cidadania, busca-se integrar os “grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica” (Ibidem, p. 21), por meio de ações pontuais. Neste sentido, como as ações pontuais não têm objetivo de provocar mudanças estruturais nas interações sociais e educacionais, Candau (2013) nos chama a atenção de que a universalização da educação numa perspectiva assimilacionista não desafia o caráter monocultural e homogeneizador presente na escola, mas contribui para sua manutenção.

A abordagem diferencialista salienta o reconhecimento das diferenças. Assim como a assimilacionista, também prega a igualdade de direitos sociais e econômicos. Esse pensamento estabelece a necessidade de existir espaços em que as diferentes e cambiantes identidades e culturas possam ser expressas com liberdade, sendo assim, é atribuída a formação de comunidades culturais com suas próprias organizações, fazendo com que essas pessoas exerçam um protagonismo social. Uma questão a ser destacada é o fato dessa abordagem sugerir o embate entre os distintos grupos identitários, o que leva ao que Candau (2013) chamou de “apartheid sociocultural” (p. 22). Aceita-se o diferente, desde que sua existência seja dentro de determinados limites. Esse paradigma que pode tender para atitudes segregacionistas vem protegido pelo argumento de preservação da cultura de grupos sociais diferenciados, envolvendo uma concepção estática e essencialista da cultura.

A perspectiva intercultural tem algumas características marcantes, como o estímulo à inter-relação entre diferentes grupos culturais. Nessa perspectiva, as culturas são entendidas como um processo contínuo de construção e reconstrução. Além disso, também afirma que, nas sociedades, os processos de hibridização cultural são mobilizadores da construção de identidades abertas, o que significa a possibilidade de diálogo, de reconhecimento do “outro” e de mudança para os grupos sociais em interação, favorecendo a construção de um projeto comum, o que se alinha com os objetivos de construção de uma sociedade democrática, plural, com garantia de acesso universal aos direitos constitucionais, mas que, para tanto, precisa enfrentar obstáculos que se colocam no nível das estruturas sociais, sendo portanto, de ordem social, econômica, cultural e política Quanto ao aspecto cultural,

As relações culturais não são relações idílicas, não são relações românticas, elas estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos. (CANDAU, 2013, p. 23)

O presente trabalho parte da perspectiva intercultural, tendo em vista considerar as pessoas com deficiência formadoras de grupos identitários que não precisam estar enquadrados nos padrões

hegemônicos para estarem incluídos na sociedade, mas devem estar em situação de hibridização com as identidades várias e cambiantes, formadoras das culturas plurais. Nesse sentido, concordamos com Catherine Walsh quando afirma que a interculturalidade é “uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade” (WALSH, 2001, apud CANDAU, 2013, p. 24).

Pensar a educação inclusiva sob a perspectiva da interculturalidade implica em criar novos modos de convivência, de ensino e de aprendizagem nas escolas, incluindo o ensino da Física.

De forma a completar a base referencial do presente trabalho, é importante esclarecer o que são os “objetos educacionais”, utilizados como ferramenta para a construção de nossa estratégia inclusiva de ensino-aprendizagem de física. Assim como cita Tarouco (2003, p. 2) “objetos educacionais são quaisquer recursos educacionais que podem ser utilizados para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem”. Entendê-los foi essencial para a elaboração do material proposto no sentido de possibilitar instrumentos que auxiliassem no aprendizado. De acordo com Melques et al (2015),

Para selecionar os Objetos Educacionais, consideraram-se as habilidades e as dificuldades dos alunos, como também características que favorecem a compreensão de conceitos físicos, como atividades práticas, exemplos dinâmicos que não exigem um alto nível de abstração, relação do conceito com situações próximas ao contexto do aluno, recursos audiovisuais, entre outros. (p. 287)

Metodologia

A pesquisa, de base qualitativa, foi desenvolvida em concomitância com o estágio supervisionado vinculado à disciplina Prática Docente II. As disciplinas Prática Docente I à V, vinculadas ao estágio supervisionado do Cefet/RJ, Unidade Petrópolis, operam com base na codocência, uma forma de trabalho colaborativo, na qual os diferentes atores educacionais do estágio, professor supervisor, estagiários e professor orientador do estágio atuam lado a lado em diferentes etapas do trabalho docente. Fundamentada com base em metodologias horizontais, a codocência promove a aproximação da universidade com a escola buscando tensionar as relações de poder assimétricas existentes entre essas instituições. Para tanto, busca o diálogo a partir da escola, encontrando elementos de interesse comum para a formação docente e dos estudantes da educação básica (CORRÊA, 2021).

Com base na codocência e sua busca pela horizontalidade nas relações de poder, os estagiários e estagiárias planejam desenhos de colaboração no estágio, com o objetivo de promover a inclusão. Assim, foram construídas estratégias de diagnóstico e intervenção que aproximam nossa pesquisa a uma pesquisa-ação, cujas características são:

- a) A pesquisa-ação é situacional – está preocupada com o diagnóstico do problema num contexto específico para tentar resolvê-lo nesse contexto; b) é usualmente (embora não inevitavelmente) colaborativa (...); c) ela é participativa – os participantes da equipe tomam parte diretamente ou indiretamente na implementação da pesquisa. (MOREIRA; CALEFFE, 2006, p. 90)

A escola, na qual o estágio foi realizado, localiza-se em um distrito do município de Petrópolis

e possui estrutura padrão de um CIEP (Centro Integrado de Educação Pública). A escola recebe muitos alunos de diferentes localidades, incluindo pessoas com deficiências. Apesar de existirem estudantes com variadas deficiências, apenas aqueles com deficiência física possuem auxílio de um(a) mediador(a) escolar. A estudante Ana possui paralisia cerebral, que afeta o seu desenvolvimento motor, mas não o cognitivo.

A etapa de identificação foi feita com base na observação e na realização de entrevistas. A primeira foi registrada em cadernos de campo e a segunda gravada, para posterior audição e transcrição. Com as observações, pretendia-se identificar aspectos da estrutura física da escola ligados à acessibilidade, a interação entre os diferentes estudantes com e sem deficiência; a contribuição dos professores, mediador, entre outros profissionais envolvidos. Essa etapa de observação foi feita em diferentes espaços da escola e se constitui como uma das atribuições do estágio, na qual os estagiários participam das aulas do professor supervisor. Nesses momentos, com base na codocência, a atividade de observação se constitui como participante, tendo em vista o viés colaborativo da atividade. Podemos notar que a atividade de estágio e de pesquisa se superpõem num processo de amálgama que permite uma formação para a docência que não separa essa formação da pesquisa.

Foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas com o objetivo de entender a estrutura escolar para o atendimento a pessoas com deficiência e a promoção da inclusão e para conhecer a rotina da estudante com paralisia cerebral. A primeira entrevista foi feita com a orientadora educacional para entender um pouco mais sobre a estrutura da escola com ênfase na inclusão dos estudantes alvo da Educação Especial. Em seguida, entrevistamos a mediadora da Ana, que possui deficiência física, uma paralisia cerebral, a fim de compreender necessidades e potencialidades percebidas no dia a dia da discente.

Após o diagnóstico do contexto, começamos a pensar na etapa de intervenção, que se constitui como um dos resultados dessa pesquisa, o qual iremos compartilhar dando ênfase a seus aspectos teóricos e metodológicos vinculados à consecução da inclusão educacional na perspectiva da interculturalidade.

Da observação-participante à proposição didática: resultados e discussão

Participamos de aulas em todas as semanas, no período dois meses consecutivos e percebemos o interesse e a participação da Ana no ambiente escolar. Ela possui dificuldade na fala, mas isso não a impede de se comunicar com outros alunos e professores, levantando a mão para perguntar ou fazer comentários com o auxílio da mediadora, ou da turma, que é muito acolhedora, trazendo um ambiente confortável e a sensação de pertencimento do local.

Em nossa primeira entrevista, a orientadora apresentou os nomes e a turma dos alunos com deficiência, assim como a deficiência de cada um. A escola recebe alunos com diferentes deficiências, como: paralisia cerebral, síndrome de Pierre Robin, baixa visão e deficiência intelectual, como também alunos com transtorno do espectro autista (TEA). Dentre as falas da orientadora, destacamos uma em que ela diz que existem vários problemas na inclusão: alunos sem terapia, professores que não fazem adaptações necessárias nas aulas e a sobrecarga das funções do cargo de orientadora educacional, que é responsável por muitos estudantes e não consegue dar a atenção necessária para os discentes com deficiência.

Posteriormente, realizamos uma segunda entrevista semiestruturada, neste momento com a

mediadora da aluna, a fim de compreender suas necessidades e dificuldades presentes no dia a dia. A mediadora é professora de Biologia e apontou que suas horas complementares durante a faculdade foram voltadas para a área da saúde. Além disso, já trabalhou como cuidadora em casas de família. Apesar de não ter tido muito contato com pessoas com paralisia cerebral, ela está sempre pronta para ajudar e é carinhosa com a estudante. Perguntamos sobre a rotina escolar da aluna e as maiores dificuldades no trabalho, a relação entre a aluna e a turma e como poderíamos ajudar na formação e aprendizagem.

Analisando o conjunto de respostas e observações, percebemos que elementos mais lúdicos atraem a aluna de forma mais eficaz, pois ajudam na concentração, fazendo com que seja um facilitador para o seu aprendizado. Para crianças com deficiência física, deve-se considerar o uso de recursos de tecnologia assistiva em atividades escolares, como materiais diferenciados, que podem favorecer o acesso à atividade e potencializar a ação da criança em realizá-la (GONÇALVES, CIA, CAMPOS (2020)). A ideia da criação de um jogo surge com o objetivo de favorecer o acesso ao conteúdo de física, pensando em criar um momento em que Ana pudesse ter autonomia na realização da atividade e interação entre os alunos de toda a turma, voltando à perspectiva da interculturalidade. Em relação à avaliação da aula, concordamos com GONÇALVES; CIA; CAMPOS (2020):

Já quanto às formas de resposta, o raciocínio deve ser sempre no sentido de que muitas atividades podem ser realizadas de diferentes maneiras para além da resposta em texto escrito, como por meio de respostas verbais, apontando o item correto ou direcionando o seu olhar, deslocando peças para montar palavras, usando fichas com figuras, entre outras. A dica é no sentido de que temos sempre de possibilitar que a criança consiga manifestar sua resposta, a partir do que ela consegue fazer! (p. 87)

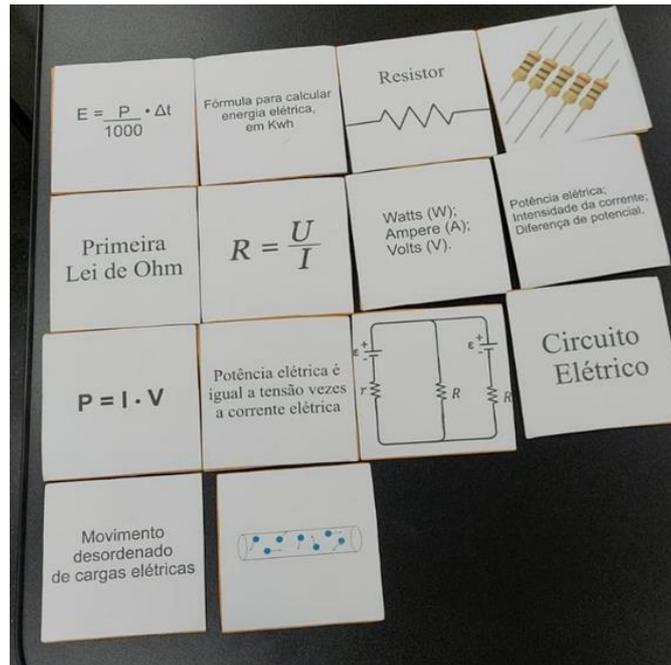
As entrevistas foram um ponto de partida para pensar em uma atividade interessante para a Ana. Optamos por trazer, como proposição didática, algo que despertasse sua curiosidade além de se tratar de um trabalho em grupo, ou seja, ela teria possibilidade de interagir e criar vínculos com pessoas do ambiente em que está inserida. O trabalho em equipe torna-se muito interessante na perspectiva intercultural, pois nele existe a possibilidade de diálogo, de reconhecimento do “outro” e de mudança para os grupos sociais em interação. O jogo, nosso objeto educacional, pode ser uma estratégia de criar novos modos de ensino e de aprendizagem nas escolas e também de convivência, assim pensando em uma educação inclusiva a partir da interculturalidade. Então, montamos um jogo da memória sobre eletricidade (figura 1), conteúdo que a turma havia estudado durante todo o bimestre, garantindo familiaridade dos estudantes com o assunto.

O jogo não era no formato de jogo da memória tradicional (com figuras idênticas), ao invés de procurar duas figuras iguais, as figuras se complementavam, por exemplo: em um lado estava a foto de um resistor como componente eletrônico e o outro sua representação simbólica na física. Os alunos deveriam fazer a associação entre os conceitos físicos, os símbolos e as fórmulas já estudados. O material foi desenvolvido para que os alunos “brincassem” em grupos, o que possibilita, ainda, certa autonomia na construção dos conhecimentos. O design do jogo também foi pensado para ser acessível a todos os alunos, sendo feito com material resistente: papel cartão e material emborrachado EVA, além de imagens e frases grandes, o que daria conta de atender a estudantes com baixa visão. Concordando com GONÇALVES, CIA, CAMPOS (2020)

Para a realização de cálculos matemáticos que exigem escrita para seu

acompanhamento, a problemática é a mesma: como favorecer para que a criança execute a atividade. Uso de material concreto em formato ampliado para as operações básicas pode potencializar a ação do estudante. Além disso, em séries mais avançadas, o uso de calculadora pode compor as estratégias a serem utilizadas com a criança com paralisia cerebral. Materiais como borrachas, E.V.A., madeira, isopor, velcro, espumas, fitas adesivas são exemplos que podem compor os recursos de tecnologia assistiva para as adaptações escolares. (p. 91)

Figura 1: Jogo da memória



A fim de mapear o nível de compreensão da aluna sobre o conteúdo trabalhado, organizamos um material avaliativo com alguns exercícios acerca do foi abordado no jogo da memória. A nossa principal preocupação era que a aluna pudesse ter autonomia em relação a aprendizagem.

No início da dinâmica, a Ana não estava conseguindo acertar os pares, porém, após três tentativas, ela achou seu primeiro par. A partir deste momento, ela acertou todos os pares até o final. No término, ela pediu para jogar mais uma vez e novamente acertou com muita facilidade logo de início. Em determinado momento, ela desejou fazer uma pergunta sobre a matéria e escreveu em seu caderno uma das fórmulas citadas no jogo. Conseguimos perceber uma grande aceitação e participação dos alunos em geral e, principalmente, compreensão da aluna. Para avaliar essa atividade e ter um registro de dados, montamos uma folha de exercícios sobre os conceitos tratados no jogo da memória. A Ana, que foi nossa principal motivação para essa aula, conseguiu realizar todos os exercícios com o auxílio da mediadora e das estagiárias. A mediadora geralmente escreve as respostas que Ana fala, mas em um exercício específico, Ana pegou o lápis e escreveu a resposta no caderno, no tempo dela e indicando para nós que a atividade cumpriu o objetivo de favorecer o ensino de física para essa aluna.

Pensando na codocência, é importante ressaltar que, além de o trabalho ter sido co-planejado, co-executado e co-avaliado pelas duas estagiárias, desde o início do estágio, o professor supervisor deu liberdade e auxílio durante as aulas. Ele foi muito importante para o

desenvolvimento e a realização desse trabalho e utilizou esse material didático em outras turmas, o que nos mostrou o potencial desse instrumento como um mediador para a inclusão.

Considerações finais

Apesar de já ter evoluído muito, a educação inclusiva ainda tem um longo caminho a percorrer. É de extrema importância reinventar a educação escolar, a partir de reflexões sistematizadas, criando espaços e materiais que possibilitem um ensino-aprendizagem significativo, levando em conta os contextos em que estão inseridos os atores educacionais e compreendendo a singularidade de cada estudante. Tomando a perspectiva de construção de uma sociedade democrática intercultural, é necessário reforçar a necessidade de pessoas com deficiência estarem presentes em escolas de ensino regular, entendendo que estas pessoas são parte da sociedade e devem ocupar os seus espaços em comunhão com os outros, promovendo uma cultura solidária, na qual as diferenças são elementos chave para o diálogo intercultural.

Criar um material inclusivo não é tarefa simples, porém é preciso oferecer caminhos facilitadores para os estudantes, principalmente os com deficiência. O jogo da memória, baseado em reflexões críticas acerca do tema, trouxe uma nova maneira de enxergar o ensino, mostrando que nem sempre o ensino tradicional irá suprir as demandas dos estudantes. Olhando para a resposta da aluna em questão, antes e depois do jogo, percebemos resultados significativos e grande abstração dos conhecimentos abordados, nos mostrando que obtivemos sucesso em nosso projeto educacional.

Poder participar ativamente das aulas e ter contato com a estudante com paralisia cerebral foi de suma importância para a nossa formação como futuros docentes. Compreender a sua singularidade e elaborar novas formas de ensinar nos fizeram crescer profundamente e entender a real tarefa de um professor: ser um facilitador para o processo de ensino-aprendizagem de todos os alunos. Vale ressaltar a necessidade de uma formação continuada para os professores, na qual possa se estabelecer o diálogo intercultural, buscando caminhos para a mudança de atitudes e de valores dos sujeitos da escola, construindo um espaço de ensino-aprendizagem mais solidário e não segregacionista. O objetivo desse trabalho é contribuir para reinventar as práticas pedagógicas e fomentar a cidadania, entendida como participação social e igualdade de direitos. Através das experiências vivenciadas, destaca-se a importância de conceber a inclusão como um elemento de promoção do diálogo intercultural. É indispensável pensar no reconhecimento do “outro” e no diálogo entre os diferentes grupos culturais, para que haja uma mudança na forma como esses grupos interagem. Vale lembrar que a interculturalidade é uma tarefa social e política que parte de ações sociais e conscientes, que tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade.

Além dos avanços no nível de aprendizado da aluna, que já foi discutido no texto, é necessário evidenciar o trabalho em equipe realizado através do jogo. Os alunos puderam auxiliar um ao outro, dialogar e reconhecer as diferenças presentes na turma. Dessa forma, unindo a turma através das diferenças que ali encontram-se.

Referências

- CAMPOS Juliane Ap. De Paula P.; CIA, Fabiana; GONÇALVES, Adriana Garcia.
Letramento para o estudante com deficiência. São Carlos: EDESP-UFSCar, 2022.
- CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio. **Multiculturalismo:** diferenças culturais

e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CORRÊA DA SILVA, Marcos. **Codocência e Estágio Curricular Supervisionado**: uma abordagem discursiva da articulação entre Universidade e Escola na Formação de Professores. 2021. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde). Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MELQUES; JUNIOR; ARAYA. **Processo de inclusão escolar no ensino de física**: as contribuições do uso de objetos educacionais. Presidente Prudente, SP: Nuances, 2015.

MITTLER, P. **Educação Inclusiva**: Contextos Sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOREIRA, Herivelto, CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

TAROUCO, L. M. R.; FABRE, M. J. M.; TAMUSIUNAS, F. R. **Reusabilidade de Objetos Educacionais**. Revista Novas Tecnologias na Educação. CINTED-UFRGS. p. 1-11. v. 1, n. 1, fev./2003

